

A PEDAGOGIA DO TEATRO E O ESTÁGIO SUPERVISIONADO NO ENSINO BÁSICO DA ESCOLA PÚBLICA

Jaelson Ferreira de Brito⁷
Guaraci da Silva Lopes Martins⁸

Faculdade de Artes do Paraná

RESUMO

O presente artigo é o resultado do crescente interesse no processo de aprofundamento da reflexão sobre o ensino do teatro no espaço da escola pública. Para tanto, o autor recorreu ao seu processo de estágio supervisionado desenvolvido no Curso de Licenciatura em Teatro da FAP. Esta etapa acadêmica foi norteadada por atividades teatrais desenvolvidas no Ensino Básico ao longo do ano letivo de 2010.

Palavras-chave: ensino do teatro; ensino básico; estágio supervisionado; formação docente.

O presente artigo é resultado do meu processo de estágio supervisionado obrigatório vivenciado ao longo do seu 3º ano no Curso de Licenciatura em Teatro da FAP no ano de 2010, na disciplina de Estágio Supervisionado II sob a orientação e a supervisão da Professora Dra. Guaraci Martins. De acordo com o Regulamento do Estágio Supervisionado Obrigatório dos cursos de licenciatura da Faculdade de Artes do Paraná - FAP esta etapa acadêmica compreende um total de quatrocentas e oitenta horas-aula. Deste total, duzentas e quarenta horas-aula são cumpridas no 3º ano e duzentas e quarenta horas-aula no 4º ano dos referidos cursos. A realização do estágio com o Ensino Médio e com o Ensino Fundamental, no primeiro e no segundo semestres do ano de 2010, respectivamente, culminou com o meu interesse na elaboração deste artigo que busca o aprofundamento reflexivo sobre o ensino do Teatro no espaço da escola pública. Tal interesse foi a mola propulsora para o meu envolvimento no Programa de Iniciação Científica-PIC-FAP, onde me foi possibilitado aprofundar os conhecimentos adquiridos na minha formação inicial.

⁷ Graduando do Curso de Licenciatura em Teatro da Faculdade de Artes do Paraná – FAP; cadastrado no Grupo de Pesquisa Arte, Educação e Formação Continuada/UNESPAR na linha de pesquisa Arte, Sociedade e Diversidade Cultural; e-mail: eymess@msn.com

⁸ Doutora em Artes UFBA; Mestre em Educação pela Universidade Tuiuti do Paraná; docente da Faculdade de Artes do Paraná. Integrante do Grupo de Pesquisa Arte, Educação e Formação Continuada /UNESPAR; do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Relações de Gênero e Tecnologia/GeTec; membro do GT Pedagogia do Teatro & Teatro e Educação da ABRACE; e-mail: guaraci.martins@gmail.com

Em ambos os semestres essa fase acadêmica foi realizada com mais duas colegas-estagiárias do Curso de Licenciatura em Teatro quando tive a oportunidade de registrar os dados para a elaboração dos registros diários das regências componentes dos projetos pedagógicos das modalidades de ensino específicas e entregues no final de cada um dos semestres. Devo ressaltar que os relatórios foram de fundamental importância na elaboração deste texto vinculado ao PIC-FAP do qual fiz parte como aluno bolsista. Essa experiência é considerada por mim de suma relevância em meu processo de formação. Enfatizo a importância da pesquisa em todos os cursos de licenciatura. Devo, nessa seara, concordar com o autor abaixo especificado:

não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esse que-fazer se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 1996, p. 32)

A argumentação acima me dá a convicção de que seja importante a relação dialógica entre professor/alunos e alunos/alunos no ensino e aprendizagem. Nessa relação, ressalto que todos os envolvidos devam respeitar as individualidades na diversidade, numa perspectiva de elaboração e re-elaboração de conceitos, valores humanos que interferem nas relações sociais. Assim, em busca da “novidade” que o conhecimento pode nos proporcionar busquei na pesquisa sistematizada o embasamento científico, fundamentando em bibliografias específicas de Pedagogia do Teatro e da Educação associadas ao estudo de campo realizado no contexto da escola pública.

No projeto relacionado ao PIC-FAP, elaborei um estudo com enfoque nas aproximações e comparações entre o processo de ensino do Teatro desenvolvido com os alunos do Ensino Médio e do Ensino Fundamental de escolas da rede pública da região de Curitiba. Acrescento ainda o interesse em analisar as contribuições desta subárea da Arte na formação de alunos capazes de interferir em seu meio como sujeito/cidadão.

Em sua dissertação de mestrado, a Professora Sônia Tramuja Vasconcellos (2007) argumenta a respeito das variadas formas de pesquisa desenvolvidas na

formação do professor, sem deixar de lado a investigação sobre o papel do estágio no contexto da construção profissional. A mesma autora destaca ainda o I Encontro Nacional sobre Estágio Curricular na Universidade Federal Fluminense (1987), momento no qual se buscou ampliar a discussão sobre o estágio em um ensino com enfoque na transformação social. Vasconcellos aponta também o I Encontro Nacional de Estágio pela Universidade Federal do Paraná com as abordagens sobre os aspectos éticos e legais do estágio e as novas perspectivas sobre esta fase acadêmica, promovido em 1997, portanto, um ano após a homologação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB/9.394/96.

É possível afirmar que o estágio me possibilitou um maior envolvimento com a pesquisa, na medida em que foi possível articular a teoria com a prática para o aprofundamento da reflexão sobre o ensino do Teatro na escola. É oportuno informar que toda a minha formação acadêmica, desde os primeiros anos do Ensino Básico até o presente momento, se deu na escola pública, ambiente em que pretendo investir durante a minha vida profissional, como uma forma de retorno às novas descobertas. Devo trazer Paulo Freire às “novidades” que este espaço me proporcionou. Acrescento aqui a seguinte argumentação:

na área de licenciatura em arte há, ainda, pouco debate e investigação, em parte porque, com a implantação da Educação Artística no currículo escolar, de característica polivalente, abrangendo diversas linguagens artísticas, o professor desta área do saber foi visto como um profissional prático, um pesquisador de atividades interessado no “como fazer”. (VASCONCELLOS, 2007, p. 9)

Em ambas as escolas nas quais desenvolvi os estágios, a polivalência se fez presente. No primeiro semestre, o estágio foi realizado no Ensino Médio com três turmas de alunos sob a regência da Professora Titular A1, licenciada em Música pela Faculdade de Belas Artes do Paraná. É importante dizer que a disciplina Arte sob a responsabilidade da docente é pautada na polivalência.⁹ Tal como esta, também a Professora Titular A2, bacharel em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes do Paraná e responsável pela disciplina de Arte nas três turmas de alunos com as quais realizamos o estágio, também atua nesta disciplina com base na polivalência.

⁹ Por uma questão ética os nomes dos professores titulares e dos alunos envolvidos não foram divulgados. Optei, então, por utilizar códigos e nomes fictícios para a sua identificação.

Na matriz curricular do Ensino Básico da Escola Pública, a disciplina Artes, em geral é desenvolvida ao longo do ano letivo por um professor responsável pelas quatro linguagens artísticas independente da formação específica. Vale ressaltar que frequentemente esta prática pedagógica não acontece como as demais disciplinas, muitas vezes consideradas como mais importantes em relação àquela disciplina.

Especialmente na Faculdade de Artes do Paraná os licenciandos em Artes Visuais, em Dança, em Música e em Teatro têm a oportunidade de articular a teoria à prática no próprio campo de trabalho onde eles irão exercer a sua profissão. É assim: em sua formação inicial, este aluno/professor desenvolve o curso de licenciatura nas áreas específicas e mais precisamente as regências realizadas pelo mesmo ao longo do estágio supervisionado são pautadas na sua área de formação.

O estágio traduz as características do projeto político-pedagógico do curso, de seus objetivos, interesses e preocupações formativas, e traz a marca do tempo histórico e das tendências pedagógicas adotadas pelo grupo de docentes formadores e das relações organizacionais do espaço acadêmico a que está vinculado. Traduz ainda a marca do(s) professor (es) que o orienta(m), dos conceitos e práticas por ele(s) adotados. (PIMENTA E LIMA, 2004, p. 113)

Com frequência na sua vida profissional, o egresso se depara com uma realidade contraditória entre a própria formação inicial e o que lhe é exigido no ambiente escolar pautado pela prática polivalente muito presente no ensino da Arte. Com efeito, ainda que as quatro linguagens artísticas se comuniquem entre si, é imprescindível a compreensão sobre as suas especificidades estéticas e artísticas.

De acordo com Ricardo Japiassu (2001), o espaço efetivo do Teatro nas escolas brasileiras ainda permanece desafiador. De fato, a disciplina Arte e, em especial o Teatro é compreendido nestas instituições como uma mera atividade de recreação, sem a mesma importância em relação às demais áreas de conhecimento que integram a matriz curricular da escola pública. Essa reflexão me reporta a determinados depoimentos dos alunos do Ensino Médio diante da seguinte pergunta: “O que é Teatro?” Dentre outros, selecionei a seguinte declaração do aluno Carlos¹⁰:

¹⁰ Antes do término das aulas em círculo o estagiário estimulava os alunos no processo de discussão em grupo sobre as propostas desenvolvidas, outras vezes solicitava-se que os mesmos registrassem individualmente as suas impressões por meio da palavra escrita. Todos estes registros fizeram parte

— A disciplina de Arte é um momento de distração para todos nós. Além disso, nunca precisamos levar tarefa para casa nesta disciplina, mas mesmo assim essa disciplina é chata porque em todas as aulas fazemos sempre as mesmas coisas, principalmente nas Artes Visuais.

Alguns desses alunos demonstraram uma forte resistência em participar das aulas; muitas vezes, eles se recusavam a realizar as atividades teatrais propostas pelos estagiários e em geral interferiam negativamente no processo cênico realizado pelos demais colegas. Esses momentos exigiram de cada um dos estagiários, determinadas ações pedagógicas que buscaram preservar a disciplina necessária para a realização dos trabalhos: os estagiários solicitaram silêncio, respeito pelos colegas, eles retomaram as atividades já iniciadas, dentre outros procedimentos. Em referência ao Ensino Fundamental, os estudantes foram mais receptivos às atividades. Dentre várias respostas, selecionamos algumas que deixam transparecer tal constatação. Diante da pergunta “Qual, para você, seria a importância do Teatro? recebemos dentre outros, os depoimentos dos alunos José, Márcia e Maria, abaixo especificados nesta mesma ordem:

— Para mim o Teatro é um jogo de emoções e tudo o que acontece fala com os nossos sentimentos.

— O Teatro é importante porque com ele conseguimos nos identificar, emocionar e sorrir. Com ele aprendemos várias coisas.

— O Teatro significa imaginação, criatividade, pensamentos, críticas, diálogo e alegria. E por isso ele é muito importante.

Ressalto que o Teatro tem uma história, com metodologias e conteúdos próprios que requer do professor o domínio de conhecimentos práticos e teóricos transcendentais aos saberes adquiridos na sua formação inicial. É preciso lembrar que, nos dias atuais, os profissionais de todas as áreas de conhecimento humano precisam compreender que a formação inicial representa apenas o início de sua carreira. Especialmente o professor que lida com sujeitos em constante processo de transformação não pode negligenciar a sua própria formação permanente.

integrante da coleta de dados que foi arquivada e posteriormente analisada para a elaboração deste artigo.

De acordo com as atividades a serem desenvolvidas, as regências aconteciam no anfiteatro ou em uma sala específica para o ensino da Arte com mesas de *atelier* e demais para a realização de trabalhos vinculados às Artes Visuais. Ao contrário de muitas escolas do Ensino Básico, o colégio no qual se realizou o estágio voltado para o Ensino Médio disponibiliza desses dois espaços. Cabe mencionar que, segundo a Professora A1, frequentemente o anfiteatro é utilizado para eventos casuais, como datas comemorativas, reuniões de professores, e outros eventos promovidos pela comunidade.

Por outro lado, no Ensino Médio o projeto de estágio foi fundamentado em textos específicos da Educação, na Pedagogia do Teatro e nas propostas teatrais desenvolvidas por Augusto Boal, mais precisamente o Teatro do Oprimido. Esta proposta norteou as aulas práticas, especialmente pela compreensão de todos os envolvidos neste estágio – minhas colegas e eu – como sendo uma estratégia metodológica que pode proporcionar o pensamento crítico e reflexivo do estudante, a partir do processo de encenação sobre a própria vida cotidiana.

Pois bem: as regências nessa modalidade de ensino se realizaram ao longo de vinte horas/aula, no período noturno, com encontros semanais em aulas geminadas, com três turmas com aproximadamente trinta e cinco alunos, em sua maioria com uma faixa etária entre quinze e quarenta e cinco anos de idade. A grande maioria desses estudantes eram trabalhadores, razão pela qual, em geral, demonstravam cansaço em função da rotina diária do trabalho. Esta realidade muitas vezes, impôs estratégias pedagógicas específicas do Teatro no início da aula, a fim de poder envolvê-los nas atividades cênicas.

Diante da observação acima, em geral as nossas regências se iniciaram com um grande círculo formado pelos alunos que eram estimulados à discutirem sobre assuntos pautados na sua vida cotidiana. Nesse momento, estes estudantes tiveram a oportunidade de manifestarem as suas necessidades, conflitos e anseios individuais e coletivos. Falavam sobre suas rotinas, incluindo questões relacionadas à estrutura física e pedagógica da escola que, de alguma forma, interferiam no seu processo de aprendizagem. Em sua maioria eles argumentaram que, frequentemente a escola não oferece espaços propícios para o exercício da autonomia, da liberdade de expressão.

Também mencionaram a falta de compromisso de determinados docentes em relação ao processo pedagógico.

Em uma das aulas fundamentadas em Augusto Boal e com o objetivo de proporcionar um trabalho com enfoque nas questões relacionadas à opressão, organizei a turma em pequenos grupos, orientados no processo de improvisação teatral. Em uma de suas tentativas de expressar as suas reivindicações diante das políticas internas daquela escola, um grupo de alunos encenou uma situação em sala de aula na qual a professora deles mesmos desenvolveu a sua ação docente pautada na metodologia tradicional: o professor é um transmissor do saber e o aluno a um mero receptor de conteúdos. Esta cena foi interrompida pela professora A1 que se identificou com a docente representada pelos alunos, momento gerador de conflito entre ela e o grupo responsável pela cena e os demais colegas da turma.

Ainda no espaço reservado para a minha regência, a professora titular chamou a supervisora que considerou por bem marcar uma reunião com a direção geral, a Professora A1 e os estagiários. Após as explicações a direção entendeu que os alunos estavam apenas expressando os seus anseios por meio do ensino do Teatro. Contudo, solicitou que, a partir de então, o grupo de estagiários evitasse assuntos relacionados à escola para evitar novos conflitos.

Após essa discussão, os planos de aula pautados nas propostas de Boal continuaram; no entanto, os alunos eram orientados para se utilizarem de variados temas, com exceção dos assuntos pertinentes à política pedagógica e administrativa daquela instituição em suas criações cênicas. É importante mencionar que ao longo do tempo foi possível observar uma mudança de comportamento da Professora A1 que, gradativamente, ampliou a sua abertura para o diálogo com os estagiários e também com os alunos, repercutindo qualitativamente na sua relação com estas pessoas.

Segundo Boal (2007), o debate, o conflito de ideias, a dialética, a argumentação e a contra-argumentação, elementos comuns no Teatro, contribuem para estimular e preparar as pessoas para atuarem na vida em sociedade. Saliento que em seu dinamismo o teatro proporciona processos de integração individual e coletiva possibilitando gradualmente ações enriquecedoras de socialização. Esta subárea da Arte propicia às pessoas nele envolvidas, efetivos questionamentos e análise sobre si e

sobre o seu cotidiano, o que amplia a percepção das situações vivenciadas na cena e que podem ser transpostas na vida cotidiana.

A partir da linguagem verbal, as pessoas relacionam ideias, eventos, objetos e as suas percepções numa estrutura significativa, que nos permite ordenar o mundo e dar-lhe sentido. Por meio da palavra, o sujeito pode transformar a vida meramente biológica e acrescentar-lhe um sentido: torná-la existência. Segundo Freire (1996, p. 42), “não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade”.

A relação dialógica necessária para a troca de informações e de conhecimento entre as pessoas é uma característica do teatro, capaz de proporcionar o estímulo à discussão reflexiva sobre diferentes temas e questões humanas. Para Guaraci Martins (2003), em geral o diálogo se apresenta nas propostas teatrais, cabendo ressaltar que, mesmo aquele que se expressa por meio de um monólogo em uma determinada cena recorre ao diálogo interno. Penso que o ensino do teatro deve estar comprometido com uma educação que proporcione o desenvolvimento da capacidade do aluno expressar as suas potencialidades expressivas, críticas e reflexivas. Por meio das atividades cênicas, ele pode vivenciar variadas emoções, sentimentos e situações jamais experimentados pelo mesmo, possibilitando uma abertura para novos olhares sobre o próprio contexto refletido na cena num exercício de transformação social.

Quanto ao estágio no Ensino Fundamental, este se realizou com três turmas, cada qual com mais ou menos quarenta alunos, em sua maioria com uma faixa etária entre doze e dezesseis anos de idade. Esse momento aconteceu no período da manhã e, por esta razão, em geral chegavam sonolentos à 1ª aula, em função de estarem iniciando as suas primeiras horas do dia no espaço da escola. Por outro lado, gradativamente, eles se despertavam se envolvendo com os colegas, muitas vezes tumultuavam o espaço de aula, circunstância esta que impôs constantes interferências dos estagiários.

Nesta etapa acadêmica, a elaboração do projeto se fundamentou nas propostas cênicas utilizadas por Beatriz Cabral e de Peter Slade, cabendo ressaltar a utilização de improvisações, jogos dramáticos e teatrais na trajetória do estágio. Assim sendo, foram utilizados os seguintes fragmentos de textos: *O Rico e o Pobre*, de Jacob Grimm

e Wilhelm Grimm; *Pele de Asno*, de Charles Perrault e *Tiras da Mafalda*, de Joaquim Salvador Lavado Quino. Com esse encaminhamento metodológico, tal como no Ensino Médio, nessa modalidade de ensino também busquei contribuir para o desenvolvimento da integração dos alunos sobre si e sobre o seu contexto sociocultural no qual eles estão inseridos.

Desde o processo de estágio no Ensino Médio foi possível constatar a diversidade de alunos em sala de aula, tais como a diferença no modo de ser, pensar e agir de cada um deles, movidos por um contexto individual e diferentes percepções de mundo. Interessa mencionar que Teatro solicita a presença do aluno/ator na sua totalidade – corpo, mente, emoção - cabendo ao professor responsável por esta área de conhecimento proporcionar ao discente, experiências artísticas e estéticas significativas, a qual se dá, sobretudo, a partir de conteúdos retirados do próprio contexto no qual o estudante está inserido. Na trajetória do estágio procurei estar sempre atento a essa diversidade, buscando compreender a singularidade daqueles estudantes, cada qual com um ritmo, desejo e necessidades próprias.

A partir da observação da prática do professor titular em sala de aula às regências desenvolvidas pelos próprios estagiários ficou evidenciado que o ensino-aprendizagem comprometido com a diversidade significa educar pessoas para o efetivo reconhecimento das diferenças comuns entre os indivíduos. Vale lembrar que a sociedade dos dias atuais é marcada pela produção da indústria cultural que tende a deixar de lado as características específicas de classe, de região, de gosto... num processo de instauração da homogeneidade.

Sabe-se que a indústria cultural tende a condicionar o processamento de informação e moldar a consciência coletiva culminando numa percepção limitada da realidade na qual o indivíduo está inserido. Assim sendo, muitas vezes, no processo cênico realizado pelos alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio foi possível constatar a interferência da mídia, sobretudo, dos programas televisivos.

O príncipe encantado dos contos de fadas foi substituído pelos super-heróis, que agora habitam as fantasias infantis estabelecendo regras e valores relativos às exigências sociais, culturais e econômicas do mundo moderno. As atividades e as brincadeiras cotidianas mostram a presença marcante da televisão determinando o conteúdo das

conversas e modelando o imaginário da criança em uma dada direção.
(SOUZA, 2001, p. 73)

Ao longo das regências e com base nos planos de aula busquei investir no processo criativo desses estudantes que em geral levavam para o espaço da cena, estereótipos presentes na sociedade dos dias atuais. No entendimento de Souza (2001), os meios de comunicação de massa e os sistemas ideológicos constituídos interferem e modelam os sujeitos. Desta forma, interferem no processo de construção de subjetividade dos mesmos e afetam as suas relações afetivas objetivadas no campo social.

Movidos por essa concepção, por meio do ensino da arte nos propusemos a criar espaços propícios para o desenvolvimento de novas percepções que permeiam as relações humanas. Antes do término da aula, cada um dos estagiários reservava um espaço de discussão, momento em que se estimulava a reflexão sobre as propostas desenvolvidas numa articulação com a vida cotidiana. Ressalto que o papel da escola está em preparar o aluno/sujeito para a vida que é dinâmica em constante transformação.

41

No estágio relacionado ao Ensino Fundamental, buscou-se o incentivo à leitura, articulado à criação cênica, em geral, fruto de reflexões sobre os textos previamente selecionados pelos estagiários. A turma de alunos era subdividida em pequenos grupos, e cada um deles recebia um dos fragmentos dos textos que era lido e discutido entre eles. Para exemplificar, no processo de leitura dessas obras, incluindo-se as obras narrativas, os estudantes discutiam sobre os temas abordados, e após este momento se organizavam em pequenos grupos para a improvisação teatral. Neste trabalho eles tiveram a oportunidade de criar novos personagens, inseridos em outras situações, sempre relacionado ao tema central da obra. O grupo formado pelos estagiários se lançou as propostas pedagógicas comprometidas com a preservação do exercício da espontaneidade, articulado ao desenvolvimento da percepção estética e do pensamento crítico e reflexivo do aluno.

Se em uma determinada montagem o processo requer do ator o aprofundamento do conhecimento sobre o contexto social e histórico das personagens e sua projeção na expressão física e verbal, “no teatro na escola o seu objetivo pode

incluir a motivação dos alunos para a observação de ações e atitudes que levam à discussão das questões éticas subjacentes ao tema explorado”. (CABRAL, p. 17, 2006).

Os momentos de discussão sobre os temas abordados nos textos encenados foram enriquecedores nas duas modalidades de Ensino, porque proporcionaram espaços de debates sobre variados assuntos entre estagiário/aluno, alunos/alunos e após o término das aulas entre os próprios estagiários. Novamente recorro à Freire, pois de acordo com a sua argumentação, “nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos de construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p. 29).

Neste sentido, distante de uma mera transmissão de conhecimento, a sala de aula deve proporcionar a troca de informações entre todos os envolvidos na busca de novos saberes. Para além de discursos racionalistas, pautados na transmissão do conhecimento restrito ao domínio do saber-fazer técnico, a escola deve investir em projetos comprometidos com uma educação comprometida com o desenvolvimento das capacidades do estudante em todas as suas dimensões cognitivas, estéticas e sensíveis

Nesse cenário, a arte apresenta um papel importante, em primeiro lugar, porque ao considerar-se o processo de aprendizagem dos sujeitos, valorizasse a sua subjetividade e, em consequência, sua potencialidade linguística e percepção estética. (OLIVEIRA, 2008b, p. 259)

Destaco o grande desafio ainda presente nas escolas dos dias atuais, relacionado a uma estrutura adequada para atender com um ensino de qualidade os estudantes com necessidades especiais. É oportuno ressaltar que no estágio desenvolvido ao longo do Ensino Fundamental, tive contato com dois alunos de uma determinada turma com necessidades especiais: uma menina sem ambos os braços e um menino de origem japonesa e que desconhecia totalmente o idioma da língua portuguesa. Ambos com uma faixa etária entre 12 e 13 anos de idade.

Inicialmente a minha maior preocupação se voltou para a menina, sobretudo na forma de melhor envolvê-la nas atividades teatrais sem constrangimento. Contudo, gradativamente esta criança demonstrou pleno interesse nas propostas lançadas, em

geral atingindo os objetivos das propostas lançadas. Posso afirmar que o menino demonstrou mais dificuldade para se envolver nos exercícios específicos do teatro, em função da barreira imposta por questões de idioma. A professora titular A2 argumentou com os estagiários envolvidos sobre a sua própria dificuldade em trabalhar com esta realidade em sala de aula, principalmente com o aluno estrangeiro que, ao contrário da menina, ele encontrava grande dificuldade em se envolver com os demais colegas e professores, prejudicando o seu processo de ensino e aprendizagem.

Ao me deparar com essa situação, me senti despreparado para lidar com aquela realidade, provavelmente tal como a grande maioria dos docentes atuantes naquela instituição. Até então a educação inclusiva jamais foi discutida no Curso de Licenciatura em Teatro, cabendo informar que este tema foi alvo de investigação somente com o meu envolvimento com o Projeto de Iniciação Científica-PIC/FAP quando tive a oportunidade de pesquisar e debater sobre os estudos com enfoque neste assunto.

Assim sendo, ao longo do processo de estágio constatei que a educação formal das escolas brasileiras ainda enfrenta a falta de infraestrutura e de metodologias voltadas para a educação especial de uma forma efetiva. Diante desse panorama considero urgente a necessidade de “incluir no currículo dos Cursos de Licenciatura em Artes conhecimentos que permitam aos futuros professores lecionar também para alunos com deficiência, atendendo as suas necessidades específicas” (OLIVEIRA, 2008a, p. 240). É fundamental que a escola promova espaços para o reconhecimento mais amplo da diversidade, em direção a uma sociedade menos excludente.

Neste sentido, é urgente a necessidade de maiores investimentos, sobretudo no que se refere a uma estrutura adequada para garantir o desenvolvimento das potencialidades e da inserção do indivíduo com necessidades especiais no contexto sociocultural, político e econômico em que ele está inserido. De acordo com Ivanilde Oliveira (2008, p. 261), [...] “o ensino da arte possibilita a inclusão, por despertar a curiosidade e a criatividade, viabilizando alternativas de comunicações e expressões culturais e o respeito às diferenças individuais e culturais”.

No entendimento de Henry Giroux (2002), frequentemente a escolarização significa para muitos estudantes, vivenciar formas cotidianas de interação escolar que

são irrelevantes para suas vidas, assim como, sofrer a dura realidade da discriminação e da opressão, através de processos de classificação e de discriminação. Convivemos com uma multiplicidade de eixos de diferenciação pelos quais os indivíduos são atravessados, a exemplo da etnia, nacionalidade, gênero, classe social e religião. Considero a escola como um espaço privilegiado para o desenvolvimento da capacidade de o aluno interrogar e analisar o seu próprio contexto marcado pela diversidade sociocultural num processo de compreensão qualitativa da realidade circundante.

Ao longo do processo de estágio foi possível observar que o teatro possibilita a integração do aluno consigo, e também com os demais colegas, lembrando que ninguém desenvolve o processo de ensino e aprendizagem fechado em si mesmo, mas na sua relação com o outro. Para Cabral (2006, p. 31), “mediante a interação com outros, as crianças podem explorar seu próprio conhecimento e compreender como o conhecimento que estão adquirindo se acomoda ao seu conhecimento anterior”.

Neste sentido, o teatro merece ser compreendido como um espaço onde os alunos possam ter a oportunidade de manifestar as próprias necessidades, os próprios interesses e desejos e assim envolverem-se em experiências que de fato tenham sentido para os mesmos. Trago para esta discussão o entendimento de que as aulas de teatro precisam ser “um espaço imaginativo e reflexivo em que se pensem e se inventem novas relações sociais, dentro e fora da escola”. (DESGRANGES, 2003, p.72) Em suas pesquisas, este autor nos faz refletir também sobre o espectador como protagonista de um teatro concebido como manifestação cultural em que a dimensão educativa é intrínseca.

Entendo que o professor responsável pelo ensino do teatro deve estimular o debate entre os alunos sobre variados temas sociais, geradores de processos cênicos criativos. Contudo, há muito que a escola restringe a sua atenção a projetos prontos e acabados, muitas vezes, distantes das reais necessidades do aluno, sobretudo, do contexto no qual ele está inserido. Segundo Freire (1996, p. 29), “ensinar não se esgota no ‘tratamento’ do objeto ou do conteúdo, superficialmente feito, mas se alonga à produção das condições em que aprender criticamente é possível”. Lembro ainda que

uma proposta pedagógica que visa à transformação individual e social precisa viabilizar a relação dialógica ao longo de todo o percurso do ensino-aprendizagem.

Nesse artigo, pelo que foi exposto manifesto a minha convicção de que os estágios realizados no Ensino Fundamental e no Ensino Médio, ao longo do ano letivo de 2010, me proporcionaram a oportunidade de ampliar a reflexão sobre a importância dessa etapa acadêmica na formação inicial de todos aqueles que aspiram à docência. Acrescento que a escola se evidenciou como um espaço rico de troca de informações, de negociação de ideias em função da diversidade que ali se apresenta.

REFERÊNCIAS

ARAUJO, Geraldo Salvador de. A peça didática e o ensino do teatro. In: Entre coxias e recreios: recortes da produção carioca sobre o ensaio do teatro. (org.) Renan Tavares. São Paulo: Yendis, 2006.

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não-atores. 10 ed. Rio de Janeiro: Civilização. Brasileira, 2007.

CABRAL, Beatriz Ângela Vieira. Drama como método de ensino. São Paulo: Hucitec, 2006.

DESGRANGES, Flávio. A pedagogia do espectador. São Paulo: Hucitec, 2003.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura)

GIROUX, Henry. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação. In: Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. Org. e Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 85- 103.

JAPIASSU, Ricardo. Metodologia do ensino de teatro. São Paulo: Papyrus, 2001.

SOUZA, Solange Jobim. Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin. 6 ed. São Paulo: Papyrus, 2001.

MARTINS, Guaraci da Silva Lopes. Teatro na Escola: contribuições do estudo e da representação da tragédia grega na formação de alunos do ensino médio. 179 fls - Dissertação de Mestrado – (Departamento de Educação) – Universidade Tuiuti do Paraná. Curitiba, 2003.

OLIVEIRA, Ivone Martins de. Imaginação, processo criativo e educação especial. In: BAPTISTA, Cláudio Roberto. (org.) Educação especial, diálogo e pluralidade. Porto Alegre: Meditação, 2008a.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de. História, arte, educação: a importância da arte na educação inclusiva. In: BAPTISTA, Cláudio Roberto. (org.) Educação especial, diálogo e pluralidade. Porto Alegre: Meditação, 2008b.

PIMENTA, Selma Garrido & LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência. São Paulo: Cortez, 2004.

VASCONCELLOS, Sônia Tramuja. A experiência do estágio: análise do papel do estágio curricular no processo de formação do professor de artes visuais. fls.142 – Dissertação de Mestrado (Departamento de Educação) – Universidade Federal do Paraná-UFPR, Curitiba, 2007.